

**TRABALHO E EDUCAÇÃO NA PERSPECTIVA SOCIALISTA: A EXPERIÊNCIA DE
PISTRAK NA ESCOLA COMUNA**

**TRABAJO Y LA EDUCACIÓN EN PERSPECTIVA SOCIALISTA: LA EXPERIENCIA
PISTRAK COMUNA EN LA ESCUELA**

**WORK AND EDUCATION IN THE SOCIALIST PERSPECTIVE: PISTRAK'S
EXPERIENCE IN THE COMMUNAL SCHOOL**

Adilene Gonçalves Quaresma¹

Resumo: O artigo apresenta a experiência do pedagogo russo Moisey Mikhailovich Pistrak (1888-1937), um dos líderes ativos das duas primeiras décadas de construção da escola soviética e do desenvolvimento da pedagogia marxista. O texto estrutura-se em dois eixos. O primeiro apresenta, em linhas gerais, as bases e os princípios que orientaram a Escola do Trabalho durante a Revolução Russa e o segundo apresenta a experiência de Pistrak e uma equipe de educadores na escola-comuna que dirigiu durante o período de 1918 a 1923. Considera-se a obra de fundamental importância no que se refere aos aspectos pedagógicos da relação trabalho-educação naquilo que foi a experiência socialista e referência para a construção de processos educativos que tomam o trabalho como princípio educativo, bem como a autogestão e o coletivismo. Além de divulgar as experiências educativas desenvolvidas durante a construção do socialismo na Rússia Soviética após a Revolução de 1917.

Palavras-chave: Trabalho e Educação. Escola do Trabalho. Pistrak. Formação Integral. Prática Educativa.

Resumen: El artículo presenta la experiencia del pedagogo ruso Moisey Pistrak Mijáilovich (1888-1937), uno de los líderes activos de las dos primeras décadas de la construcción de la escuela soviética y el desarrollo de la pedagogía marxista. El texto se divide en dos ejes. El primero, en general, las bases y los principios que guiaron la Escuela de Trabajo durante la revolución rusa y la segunda muestra la experiencia Pistrak y un equipo de educadores en la escuela-comuna que dirigieron durante el período 1918-1923. Programas formulados y métodos de esta escuela guían la propuesta de la Comisión Estatal Científica. Se considera la obra de fundamental importancia en lo que respecta a los aspectos pedagógicos de la relación de la educación del trabajo en lo que fue la experiencia socialista y referencia para la construcción de los procesos educativos que toman el trabajo como principio educativo, así como la autogestión y el colectivismo. Además de la difusión de las experiencias educativas desarrolladas durante la construcción del socialismo en la Unión Soviética después de la revolución de 1917.

Palabras clave: Trabajo y Educación. Escuela de Trabajo. Pistrak. La formación integral. La práctica educativa.

Abstract: The article presents the experience of the Russian pedagogue Moisey Mikhailovich Pistrak (1888-1937), one of the active leaders of the first two decades of the construction of the Soviet school and the development of Marxist pedagogy. The text is structured in two axes. The first presents, in general lines, the bases and principles that guided the School of Work during the Russian Revolution and the second presents the experience of Pistrak and a team of educators in the school-commune that directed during the period of 1918 to 1923. The programs and methods formulated at this school guided the proposal of the State Scientific Commission. It is considered the work of fundamental importance with regard to the pedagogical aspects of the work-education relationship in what was the socialist experience and reference for the construction of educational processes that take work as an educational principle, as well as self-management and collectivism. In addition to publicizing the educational experiences developed during the construction of socialism in Soviet Russia after the Revolution of 1917.

Keywords: Labor and Education. School of Work. Pistrak. Integral Training. Educational Practice.

Introdução

Em Marx (2002) a discussão sobre a educação da classe trabalhadora tem como contexto a intensificação rápida do modo de produção capitalista que determina um novo processo de trabalho no qual o trabalhador agora vende a sua força de trabalho; uma nova organização política, tendo os Estados Nacionais e a burguesia na condução política, econômica, social e cultural da sociabilidade que decorre desse novo modo de produzir. Outro fator importante, é a integração da ciência ao processo produtivo, sendo, portanto, defendida por Marx a sua apropriação pelos trabalhadores.

A educação para o trabalhador, segundo Marx (2002), deve integrar educação intelectual, educação corporal e tecnologia, tomando o trabalho como princípio educativo, buscando a união entre trabalho intelectual e trabalho manual, e entre ciência e técnica para levar os trabalhadores à compreensão técnico-científica dos processos produtivos e para a construção de uma nova conformação social orientada sob o projeto da classe trabalhadora. A educação, ao integrar formação intelectual, tecnológica e corporal e tomando por referência o contexto e o processo produtivo, possui o objetivo político e econômico de recolocar o trabalhador no controle do processo de produção material e simbólico.

Segundo Soares (2000), após a revolução de 1917, identificam-se duas tendências que, na tradição da “escola ativa”, vão pensar a pedagogia e a organização da “escola do trabalho” russa. São elas: uma que permanece ligada à “educação libertária” e outra que enfatizará o trabalho na escola. A tendência ligada à “educação libertária”, associa a noção de atividade ao desenvolvimento espontâneo da criança e não se preocupa em engajar-se no trabalho efetivo de educação das massas proletárias, é a discussão da escola ativa de Dewey. A segunda tendência, abriga várias interpretações da escola do trabalho, desde a ideia da escola como “comunidade do trabalho”, com base em Kerschensteiner, até a ideia da “instrução geral e politécnica”, resgatando as concepções de Marx sobre educação.

Pavel Petrovich Blonsky (1884-1941), a partir do seu livro sobre a “escola do trabalho”, escrito em 1919, aborda os primórdios da introdução do trabalho na escola, através de Pestalozzi e Fröebel, Dewey e Kerschensteiner até os representantes da pedagogia socialista como Marx. Tal empreitada, o faz partir da “comunidade do trabalho” para ampliar o conceito de politecnicidade de Marx, com base em Dewey e “conclui que a fábrica, no seu conjunto, é uma gigantesca comuna de formação e educação. As teses de Blonsky chegam ao limite de dizer que a escola desapareceria, uma vez que a fábrica passaria a ser o centro de formação da cultura geral e politécnica. A proposta geral de ensino compreende concentrar todo o aprendizado em torno de três grandes grupos (complexos) de fenômenos: a natureza, o trabalho produtivo e as relações sociais; sendo que a categoria central é o trabalho humano.

Os princípios da “escola única do trabalho” foram estabelecidos através do decreto de 16 de outubro de 1918, definindo o trabalho produtivo como o que serviria de base para o processo formativo. Assim, a oficina passa a ser espaço que leva à relação com a produção real. Pistrak² é um dos pedagogos russos que, também, escreverá sobre as estratégias de articulação dos conhecimentos ao trabalho produtivo.

O artigo toma por referência a tese de Doutorado da autora, defendida em 2011 no Programa de Pós-Graduação: Conhecimento e Inclusão Social da Faculdade de Educação da Universidade Federal de Minas Gerais, intitulada: *A relação trabalho-educação e o projeto político-pedagógico do MST: uma prática em construção em escolas de assentamentos em Minas Gerais e apresenta a experiência do pedagogo russo Moisey Mikhailovich Pistrak (1888-1937), um dos líderes ativos das duas primeiras décadas de construção da escola soviética e do desenvolvimento da pedagogia marxista.*

O texto estrutura-se em dois eixos. O primeiro apresenta, em linhas gerais, as bases e os princípios que orientaram a Escola do Trabalho durante a Revolução Russa e o segundo apresenta a experiência de Pistrak e uma equipe de educadores na escola-comuna que dirigiu durante o período de 1918 a 1923. Esta Escola-Comuna denominada pelo nome do seu fundador P. N. Lepeshinskiy, mas às vezes chamada de Escola-Comuna do Narkompros (sigla do Comissariado Nacional de Educação), teve como objetivo elaborar a nova pedagogia da escola do trabalho e provocar inovações a serem generalizadas para as escolas regulares. Os programas e métodos formulados nesta escola orientaram a proposta da Comissão Estatal Científica. A obra básica para a construção do capítulo da tese, do qual o artigo resulta, foi o livro *A Escola-Comuna de Moysey M. Pistrak (org.)*, editada originalmente em 1924, e traduzida por Luiz Carlos de Freitas (2009).

A Escola Única do Trabalho: a perspectiva socialista

Em seu livro, *Fundamentos da Escola do Trabalho* (1988), Pistrak traça algumas estratégias pedagógicas para a integração entre trabalho e educação. Uma delas é a organização curricular, o *Sistema de Complexos*, em que um tema, por exemplo o trabalho, constitui-se em um complexo a ser investigado a partir da integração dos conhecimentos ao trabalho produtivo.

A relação da educação com o trabalho e da escola com a sociedade têm o trabalho como elemento unificador desse processo, no qual o trabalho é o [...] “centro da questão, introduzindo-se na escola como um elemento de importância social e sociopedagógica destinado a unificar em torno de si todo o processo de educação e formação” (PISTRAK, 1981, p. 42). É interessante que aqui aparecem as expressões educação e formação que devem ser unificadas ao trabalho, dentro e fora da escola, ou seja, a ideia é que a integração do ensino ao trabalho o toma como categoria social e sociopedagógica que está dentro e fora da escola.

O método é muito importante e na formulação de Pistrak (1981), o trabalho sendo elemento unificador, aquele que dá materialidade à ideologia, pressupõe uma interação orgânica e dinâmica para fazer com que o próprio trabalho, prática, ciência, teoria, ensino, e organização sejam um todo articulado. Para possibilitar essa articulação, o conceito articulador central é o “complexo de estudo”, que segundo Freitas (2009)³, insere-se no arcabouço da proposta de Pistrak, que compreende, também e principalmente, os conceitos de “atualidade” e “auto-organização ou autogestão”.

A “atualidade” compreendia tomar o contexto daquela época, ou seja, a contraposição entre o imperialismo e o poder soviético como base e referência. Assim, “ as contradições presentes nela, o que

remete professores e estudantes, na micro atualidade, para o estudo e a participação nas lutas sociais, nas contradições em curso, como cenário e palco das funções da escola” (FREITAS, 2009, p.26). Para Pistrak (2009, p. 117), "Atualidade também é aquela fortaleza capitalista contra a qual conduz o cerco a revolução mundial." A atualidade é tudo o que está no entorno da base de sustentação da sociedade e que se constitui em conflito, disputa, confronto, contradição, ou seja, para os dias atuais teríamos, por exemplo, a contradição capital-trabalho no contexto do neoliberalismo, a luta de classes hoje, capitalismo x socialismo, agronegócio x reforma agrária, etc. e as conseqüências destes conflitos para o conjunto da população. A atualidade é referência para o processo de organização dos Complexos de Estudo que também têm na autogestão significação e base, uma vez que os sujeitos lutadores e construtores da nova sociedade devem se autogerir, abandonando assim a alienação e a obediência cega.

A categoria autogestão compreende a coletividade e a auto-organização, que se dão no viver e organizar-se coletivamente. Segundo Freitas (2009, p. 30), depois de criticar as práticas de autogestão das chamadas escolas novas, Shulgin (1924, p. 63-64) assim fala sobre os objetivos mais amplos da autodireção: "[...]é preciso saber organizar a luta, organizar a vida coletiva, e para isso é preciso aprender, não de imediato, mas desde a mais tenra idade o caminho do trabalho independente, a construção do coletivo independente, pelo caminho do desenvolvimento de hábitos e habilidades de organização." Assim, a autogestão tem por base a auto-organização, o coletivismo, o trabalho independente e autônomo, primeiro individualmente e depois coletivamente. Na experiência da *Escola-comuna* do Narkompros, as assembleias, as comissões, os órgãos coletivos são vivências de auto-organização e coletivismo, ou seja, segundo Freitas (2009) a escola inteira ensina e estas categorias atualidade e autogestão, as categorias mais importantes da produção pedagógica da escola socialista, constituem a base da proposta. Porém, segundo este autor, foram ofuscadas no Brasil pelos Complexos de Estudo. Pistrak (2009) diz que a pedagogia burguesa, partindo das especificidade pedagógicas das crianças na questão da autodireção, expulsou a política da escola, tomando-a apenas no sentido de adaptação destas às exigências do regime social; sendo que objetivos sociais e de classe sempre existiram na escola ocidental europeia e americana, ainda que não fossem formulados como objetivos de classe. O avanço que a escola soviética socialista apresenta em relação a questão da autodireção é que: “Nós consideramos necessário desde o começo agudizar esta questão para a escola soviética com seu aspecto social e estabelecer os objetivos da auto-organização como objetivos ligados com as tarefas da construção revolucionária (PISTRÁK, 2009, p.125), ou seja, enquanto a escola nova e todas as correntes pedagógicas de tradição positivista, tomam a autodireção sem a perspectiva da construção revolucionária, a escola socialista soviética a toma como objetivo para a organização, tendo em vista a revolução, a transformação da sociedade no contexto da luta de classes.

É importante considerar que a construção da escola socialista soviética, se dá no momento de luta revolucionária no qual o horizonte pós-revolução é a constituição de uma sociedade socialista. Nesse sentido, uma questão que Pistrak (2009, p. 125) coloca é: Que pessoa exige-se de nós nos nossos dias, e provavelmente, ao longo do período revolucionário? E respondendo que essa época é uma época de luta e construção, ele apresenta como necessário desenvolver nos educandos três coisas básicas: 1) Habilidade de trabalhar coletivamente, encontrar seu lugar no trabalho coletivo, em que seriam desenvolvidas também,

as capacidades de subordinar-se e dirigir, sendo necessário que todas as crianças passassem pelos órgãos de direção, sem mandatos muito longos; 2) habilidade de abraçar organizadamente cada tarefa, na qual seriam desenvolvidos hábitos organizacionais a partir de formas flexíveis de auto-organização; 3) capacidade para a criatividade organizativa, que em condições de liberdade e iniciativa possibilita às crianças desenvolverem novas formas de organização. Mas segundo Pistrak (2009), esses objetivos de autodireção não podem ser encarados como brincadeiras e nem as crianças como seres que devem ser preparados para, mas como seres que já vivem e vivem a vida real. Assim, a vida deles precisa ser organizada e por isso, a auto-organização tem importância e fundamentação sociopedagógica. Sendo assim, o autor apresenta algumas conclusões fundamentais e gerais que a escola deve fazer em relação à auto-organização dos estudantes: 1) “a auto-organização dos estudantes pode parecer e deve criar-se ao redor de determinada tarefa, próxima dos interesses das crianças, que parte da sua vida comum na escola e exija aplicação de trabalho” (PISTRAK, 2009, p.127). A forma aqui é o auto-serviço. 2) “a tutela demasiada sobre a autodireção da criança, quando ela se levanta sobre os pés, apenas prejudica a tarefa” (PISTRAK, 2009, p. 128). Aqui recomenda-se que o professor dirija, mas sem tutelar as crianças exageradamente. 3) “a auto-organização dos estudantes deve, em concordância com nossa idéia básica, estender-se à participação ativa das crianças na construção da sua escola” (PISTRAK, 2009, p. 129). Ou seja, é no interior da escola, a partir da construção da organização da própria escola, que os estudantes vão experimentando e se formando no sentido do coletivo, da participação, para serem dirigidos e também serem dirigentes. E acrescenta: “Mas isso não é possível pelo caminho verbalista, e sim pelo *envolvimento real* das crianças no trabalho ativo de organização da escola” (PISTRAK, 2009, p. 130) - (grifos meus). 4) “a auto-organização deve imediatamente servir para a aproximação da escola com outras organizações infantis, com a juventude trabalhadora, e , assim, retirar a criança das paredes da escola” p. 131). A proposta é que as crianças estabeleçam contato com outras organizações, visando ampliar o caráter da união infantil e também a possibilidade de exercitarem hábitos organizacionais em outras condições fora da escola, ou seja: “ A escola deve introduzir as crianças no estudo *prático* da vida atual, na prática da sua construção” (PISTRAK, 2009, p. 131 - grifos do autor). Como se constituía a autogestão? Que atividades participavam do processo de autogestão? Segundo Shulgin(1924, citado por FREITAS, 2009, p. 31), a estrutura de participação da comuna era a seguinte:

A forma superior da autogestão é a assembléia geral de todos os membros da comuna. Ela escolhe entre seus membros a comissão de organização(...) seu órgão executivo superior; ela distribui seus membros por uma série de conselhos escolares; ela toma conhecimento dos conflitos que ocorrem na comuna e toma uma série de medidas, promulgando deliberações. (...)[A comissão de organização] é constituída de cinco pessoas: 1) administrador da parte econômica; 2) do internato; 3) do estudo; 4) do social-científico e 5) do secretariado.

A assembleia dos membros da comuna garante a discussão de todos os assuntos e problemas por todos, de forma mais democrática, uma vez que esta também delibera sobre as questões. Porém, na comissão organizadora não consta representação dos educandos, mas todas as comissões têm representantes dos educandos. Nos gabinetes (departamentos)⁴ de cada disciplina e nas oficinas há educandos como auxiliares de ensino e plantonistas constantes que são escolhidos por um determinado

tempo. Cada turma também tem seu monitor que faz o balanço dos trabalhos da oficina sob a responsabilidade do chefe da oficina. Esse processo possibilita aos educandos viverem posições de comandados e de responsáveis que comandam. O resultado dessa experiência para a socialização, a assimilação das normas de convivência e comportamentais, bem como para a aprendizagem dos educandos são significativas para o desenvolvimento do espírito coletivo, da participação e da autogestão. Para Freitas a autogestão é a via que conduz ao trabalho e que este, começando no nível do auto-serviço, se complexifica. Nesse sentido Shulgin (1924, citado por FREITAS, 2009, p. 32) diz:

E isso ela [a escola] realiza pouco a pouco pelo caminho da participação da criança na construção de sua vida infantil, do coletivo infantil, primeiro apenas no limite da instituição infantil, depois no trabalho do grupo de pioneiros, Juventude Comunista, etc., pelo caminho da participação no movimento infantil internacional, no trabalho das tarefas do Conselho e das outras organizações dos adultos, pelo caminho do trabalho conjunto com eles. Mas isto não é tudo: é preciso que a criança aproxime-se da classe-edificadora, assimile melhor sua ideologia, viva com ela, forje hábitos de luta, aprenda a construir – *esta é a tarefa do trabalho. Nós falamos sobre o trabalho como objeto de estudo, sobre o trabalho como método, trabalho como fundamento da vida.* Estudando o trabalho nós podemos facilmente seguir passo a passo a história da humanidade (grifos do autor).

Aqui se encontra a participação dos estudantes em diversos coletivos já como forma de trabalho, atividade social útil, práxis social e também na assimilação da ideologia e da realidade da classe-trabalhadora. As dimensões do trabalho enquanto atividade prático-social, práxis social e produção cultural, da vida, da história, constituem o sentido social do trabalho para a sua apropriação no processo educativo como prática humana social e pedagógica, como fundamento da vida. Freitas (2009, p.32-33) chama a atenção para o fato de que naquele momento histórico é a fábrica que concentra a atualidade e é o “nervo da vida mundial”, sempre em movimento, sempre em processo. Para Pistrak (2009, citado por FREITAS, 2009, p. 33): "O trabalho então, e somente então, torna-se a solução do problema básico escolar se ele for tomado na perspectiva da revolução social, se ele orienta-se pela construção comunista, e se nele, como fundamento seguro, unem-se os princípios básicos da escola moderna, isto é, a ligação com a atualidade e com a auto-organização."

Pistrak (2009) reforça a articulação do trabalho com a atualidade e com a auto-organização, bem como com a perspectiva da revolução social pela construção comunista, ou seja, a integração da educação com o trabalho tem por base a atualidade, a auto-gestão, mas principalmente, a perspectiva da revolução social. O trabalho, ao mesmo tempo em que precisa da atualidade e da autogestão para se constituir como elemento sócio pedagógico, garante a inserção da escola na atualidade, bem como a possibilidade da prática da autogestão, ou seja, cinde-se então numa relação recíproca trabalho-autogestão-atualidade e Freitas (2009) ressalta que é "[...] Importante notar então que, seja qual for a forma que ele tome, ele tem uma característica comum: é trabalho socialmente útil – um conceito mais maleável do que trabalho produtivo e improdutivo (FREITAS, 2009, p. 34)." E segundo Pistrak (2009, p. 132): "Na nossa colocação do problema geral, o trabalho ocupa lugar principal, o mesmo lugar que nas questões da atualidade. Pois a atualidade pode definir-se o mais proximamente possível como sendo a luta pelas novas formas sociais de trabalho."

Podemos dizer que hoje, atualmente, no século XXI não existe luta pelas novas formas sociais de trabalho? Quais são os grandes embates atuais entre os trabalhadores e os donos do capital? As formas de apropriação da relação trabalho-educação, bem como a forma de organização dos conteúdos escolares, para darem conta dessa relação, são as mesmas na nossa sociedade atual?

Os conteúdos escolares ou as “bases das ciências”, o currículo da escola ou Plano de Estudos da Escola do trabalho socialista, têm como conceito articulador central o Complexo de Estudo que é entendido como “(...) a complexidade concreta dos fenômenos, tomada da realidade e unificada ao redor de um determinado tema ou ideia central” (carta metodológica que apresenta a noção de complexo aos professores do sistema educacional da União Soviética – NarKomPros, 1924, p. 5 citado por Freitas (2009, p. 36). E prossegue dizendo que o trabalho é a base da vida, deve portanto, estar no centro do estudo. Assim, a proposta é que natureza e sociedade, em conexão com o trabalho, constituam-se em complexos a serem estudados, sendo que:

Cada ideia central articuladora de um complexo reúne as três dimensões, as quais, em conjunto, devem refletir a “complexidade” daquela parte da realidade escolhida para estudo – sua dialética e sua atualidade, vale dizer, suas contradições e lutas – seu desenvolvimento enquanto natureza e enquanto sociedade, a partir do trabalho das pessoas. Na apropriação pelo estudante das ferramentas intelectuais para dominar e lidar com esta atualidade, pretende-se estabelecer o desenvolvimento da autodireção e o acesso às bases das ciências. Pode-se encontrar ainda uma quarta coluna com o nome de “conclusões e êxitos” esperados pelo estudo do complexo (FREITAS, 2009, p.36-37).

A aplicação do complexo no primeiro nível da educação básica no sistema educativo soviético da época é plena, uma vez que o trabalho é realizado por apenas um professor para todas as disciplinas; para o segundo nível a aplicação é feita dentro de cada disciplina, buscando-se a coordenação entre os professores e mantendo-se as disciplinas específicas (FREITAS, 2009).

Os aspectos pedagógicos e organizacionais que sustentam a prática educativa na Escola Comuna

Em relação à organização do trabalho pedagógico e aos aspectos pedagógicos que concretizavam o plano de estudo, Pistrak (2009) apresenta-os reunidos no título: *O trabalho educativo e O trabalho*. Quanto ao auto-serviço, segundo Pistrak (2009), este compreende a execução por parte dos de atividades na *Escola-comuna* que se dá por dois fatores, ou seja, pelas necessidades da escola naquele momento histórico e pela significação formativa do mesmo. Sendo assim, as atividades compreendiam: auto-serviço pessoal (arrumação da cama, remendos, costura parcial, etc.) e limpeza do prédio; com apenas uma faxineira, parte significativa do trabalho ficava com os estudantes. Com relação à cozinha, o trabalho era conduzido por duas cozinheiras e aos restavam as atividades de provisionamento da lenha (serrar, cortar e armazenar) e trabalhos auxiliares (descascar batatas e outros vegetais, corte de carne e, às vezes, trabalho no fogão); na cantina, quase todo o trabalho era realizado pelos estudantes; Sauna e lavanderia: na lavanderia o trabalho era realizado por funcionários especiais, sendo as atividades de separação, passagem de roupa e com a sauna realizadas pelos estudantes; Calefação do prédio: Havia um funcionário permanente e os estudantes ajudavam no fornecimento de lenha e alimentação ou preenchimento do

petróleo; na sala hospitalar e ambulatório, por não existir pessoal técnico, todo o trabalho ficava sob a responsabilidade dos estudantes⁵. Havia ainda os sábados comunistas, dias nos quais se realizavam grandes atividades como: descarregar e empilhar grande quantidade de lenha, limpar o prédio depois de consertos, limpar a neve do quintal na primavera, realizar o trabalho de organização e colocação em ordem do jardim, etc. Havia ainda outros trabalhos como na biblioteca, (conduzido pela comissão da biblioteca), limpeza dos gabinetes e oficinas (realizados juntamente com os professores) e trabalhos de reparação elétrica, conduzidos por um grupo especial. Existia a orientação de que determinadas atividades eram distribuídas considerando a idade e maturidade dos estudantes para elas (PISTRAK, 2009).

Quanto à organização do auto-serviço, esta ficava sob a responsabilidade dos estudantes. Um membro do Comitê Organizacional chefiava a parte econômica, um auxiliar imediato, o Comitê de Trabalho, e a este subordinavam-se os Comitês de Higiene, a chefe da Enfermaria, a Chefe da Cantina etc. Os eram divididas em grupos de 3, 4 ou 5 pessoas, dirigidas por um monitor responsável pelo grupo e pelo controle do trabalho realizado (PISTRAK, 2009).

Em relação ao trabalho nas oficinas este era realizado pelos grupos de estudantes mais novos, que correspondiam ao I e II ano, sendo que cada estudante deveria passar por uma das oficinas. Em fevereiro de 1922 existiam as oficinas de encadernação (para 12 a 15 pessoas, uma marcenaria (para 10 a 12 pessoas) e uma serralheria (mecânica e ferraria) para 15 pessoas. Os princípios para o trabalho nas oficinas eram os seguintes: “as oficinas devem dar ao máximo hábitos de trabalho com materiais usados; elas devem permitir a divisão de trabalho mais ampla possível; elas devem, pelo caráter da produção, dar espaço para a criatividade técnica (construtivismo) das crianças” (PISTRAK, 2009, p. 228). Para o controle do trabalho existiam cadernos especiais. O monitor do grupo, escolhido pelo próprio grupo, zelava pela presença e conduzia o controle especial da presença, cuidando da lista de presença de cada trabalhador. Cada membro do grupo, ao final do seu trabalho, anotava o que fez e quanto tempo gastou e o monitor do grupo fazia o balanço da produtividade do grupo e entrega dos trabalhos terminados (PISTRAK, 2009).

Quanto ao trabalho na fábrica⁶, segundo Pistrak (2009), este era destinado aos estudantes mais velhos do III grupo e sendo admitidos para o trabalho apenas aqueles que tinham permissão do médico da escola, apesar de que as proibições eram poucas. Todas as regras da fábrica eram estendidas aos estudantes e o trabalho conduzido, nos dois primeiros anos, quatro vezes por semana, com duração de três horas e no último ano, cinco vezes por semana, sempre depois do almoço.

O trabalho na fábrica começava em meados de outubro e terminava no início de abril, com interrupção no Natal. O trabalho era dividido em três períodos, tendo cada período a seguinte duração e objetivos: o primeiro período, de outubro a mais ou menos dezembro ou janeiro, quando os estudantes familiarizavam-se com a máquina, aprendendo a trabalhar nela; o segundo período, compreendia observações sistemáticas ou pesquisas, esboços, anotações, etc., que seguissem um plano determinado de um ou vários temas da fábrica; no terceiro período o trabalho na máquina cessa ou quase, mas as crianças continuavam indo à fábrica para a elaboração de dados de temas ou coleta de dados adicionais entre os

trabalhadores e nos diversos setores da fábrica (comitês de fábrica, instituições específicas, como a Escola de Formação Profissional, o jardim de infância, creches etc.)

O trabalho na fábrica acontecia nos seguintes setores: dobradura, urdideira, engomadeira e encoladeira, decatizadora, prensa, armazenagem e outras pequenas seções auxiliares. “O trabalho é proibido pelo médico na própria tecelagem, na lavadora e tinturaria com as quais se familiarizaram por excursões ou individualmente, se isto é exigido por alguma tarefa” (PISTRAK, 2009, p. 235).

No tocante à atitude dos trabalhadores em relação à presença dos estudantes, Pistrak (2009) diz que ela foi variada, ou seja, desde a indisposição sombria nos primeiros dias, o que assustava muito os estudantes, passou-se para silêncio-surpresa e daí para a atitude paternal-amigável. Uma atividade que ajudou na relação foi a participação dos estudantes no trabalho cultural-educativo da fábrica.

Em relação à atitude dos estudantes para o trabalho, esta, segundo Pistrak (2009) foi variada nos vários momentos. Fortemente entusiasmadas no início, não mantiveram o entusiasmo, devido à atitude hostil inicial dos trabalhadores e às suas oscilações de ânimo devido às condições de trabalho (salário, demissões, possibilidades de fechamento da fábrica – o que ocorreu devido à falta de matéria-prima). Outra causa apontada foi “a organização insuficiente de todo nosso trabalho escolar, a extemporaneidade de distribuição dos temas da fábrica, etc” (PISTRAK, 2009, p. 235).

Parece predominar na Escola Única do Trabalho Socialista, uma compreensão do trabalho produtivo na relação trabalho-educação, endereçado para a produção industrial, que naquele contexto, tentavam implementá-la e constituí-la como base da economia russa. Porém, as categorias atualidade, complexos, auto-organização e coletivismo, explicitadas nas experiências de Pistrak (1981 e 2009) e Makarenko (1986 e 2005), levam a inferir que as dimensões ressaltadas no processo formativo caminham em direção a algo muito além do domínio dos aspectos técnicos/tecnológicos e sócio-econômicos ligados à indústria. Dessa forma Freitas (2009), ao dizer que no Brasil o que mais aparece sobre a experiência da Escola Única do Trabalho Socialista é o Complexo Temático, em detrimento das outras categorias, (“atualidade”, “autorganização” e “coletivismo”), se apóia na dificuldade das leituras feitas, em visualizar a proposta da Escola Única do Trabalho Socialista no contexto da luta pelo socialismo.

A integração das disciplinas ao trabalho

Em relação às formas de integração das disciplinas com o trabalho, o livro *A Escola-comuna* traz os seguintes relatos de professores:

Matemática, por E. Berezanskaya

Os estudos de matemática para os grupos mais novos compreendia um caráter propedêutico (experimental) no qual parte-se de questões ligadas ao redor dos estudantes, conhecimentos de outras disciplinas, trabalho em oficinas, sendo estes examinados do ponto de vista matemático. Esta forma de abordagem considera obtenção de informações e hábitos matemáticos necessários e exercitados e que são

sistematizados em base científica lógica. Quanto ao método de ensino, “este é intrinsecamente indutivo - as verdades matemáticas aparecem exclusivamente como resultado da observação e experiência da vida”(PISTRAK, 2009, p. 347).

Na integração com a fábrica, haviam três tipos de tarefas: 1) tarefas de registro de diferentes aspectos da vida da fábrica; 2) diferentes cálculos de caráter geral e especial; e 3) tarefas de caráter generalizador e de pesquisa (PISTRAK, 2009, p. 358). As tarefas-cálculo especiais, em ligação com a fábrica, ocupavam lugar central. Dentre as atividades realizadas, seguem as seguintes: 1- Pesquisa de dependência da velocidade de enrolamento de pedaços de tecidos no papelão do seu peso (no estoque); foi conduzida a experiência para analisar se esta dependência satisfazia à lei da proporcionalidade contrária; 2- Pesquisas analíticas, de gráfico e de tabelas de identificação de fiados na dependência do peso e comprimento; 3- Medidas de velocidade do giro da árvore e bobina; 4- Pesquisa de produtividade da fábrica com dados sobre o número de trabalhadores e trabalho correspondente, obtido por todos os estudantes naquelas seções onde eles trabalharam (pesquisa com material coletivo em ligação com o trabalho de economia política) - (PISTRAK, 2009, p. 360).

Outra questão apresentada é que o método de trabalho com a matemática buscava “o estudo simultâneo de aritmética, álgebra, geometria e trigonometria com material concreto” (PISTRAK, 2009, p. 360). Não que fossem misturadas todas as seções da matemática em uma só, mas, segundo o autor, “desejamos o estudo de todas as seções da matemática em suas mútuas ligações orgânicas (PISTRAK, 2009, p. 361).

Física, por M. Nabokov

O conteúdo e o objetivo central do trabalho na disciplina de Física, “não foi a fábrica de *tecelagem* o centro da atenção, mas sim a *fábrica em geral*; não foi o *tecelão* que desejamos criar, mas o *cidadão*, que compreende a significação do trabalho da fábrica em geral, e que está apto para o trabalho organizativo futuro nas empresas de caráter técnico”(PISTRAK, 2009, p.364). A perspectiva é o trabalho em torno da fábrica em geral e a formação do cidadão e não apenas do tecelão, do técnico. Nesse sentido, o programa de física em ligação com a fábrica, “foi construído para que, dando possibilidade de compreender a sua diversidade técnica, não negligenciasse também aquelas questões que entram no sistema geral da ciência”(p. 366).

A partir daí, para os primeiros dois grupos de estudantes, os mais novos, foram escolhidas questões do programa que, “preparando as crianças para os primeiros passos na fábrica, ao mesmo tempo pudessem ser ligadas com a vida, e dessem um círculo de alguns conceitos acabados” (PISTRAK, 2009, p. 368). Para isso foram escolhidas questões ligadas à vida escolar e à oficina da escola. Para os dois grupos de estudantes mais velhos, o trabalho já estabelecia ligação com a fábrica.

Ciências Naturais, por R. Mikelson

O princípio básico era o de que “as ciências naturais devem jogar um papel extremamente importante na questão da formação da compreensão do mundo materialista dos ” (PISTRAK, 2009, p. 387). As disciplinas eram: botânica, zoologia, anatomia, fisiologia humana e conversas sobre biologia geral.

O método utilizado era o método de pesquisa (utilizando material laboratorial e excursões) e também outras técnicas de ensino (demonstrativo e ilustrativo). O primeiro grupo trabalhava utilizando, quase inteiramente, o método de pesquisa e para o segundo grupo recorria-se às técnicas de ensino demonstrativo e ilustrativo. O livro era trabalhado no IV grupo.

História e Ciências Sociais, por A. Strazhev

O princípio que orientava o trabalho era o de que “os devem ter uma clara compreensão das regularidades da história em suas manifestações concretas (troca de formas econômicas, desenvolvimento das forças produtivas, luta de classes, etc.) à luz da compreensão marxista” (PISTRAK, 2009, p. 411).

Em relação à metodologia e organização dos conteúdos, foi tomado o caminho do estudo temático da história ligada com outras disciplinas escolares. “Estudamos apenas aqueles temas que servem como marcos no caminho das mudanças dos fenômenos sociais, os remexemos, autopsiamos” (PISTRAK, 2009, p. 414). E eram utilizadas palestras, contos, páginas de manual e referências em livros de literatura para os outros temas.

Ciências Econômicas, por R. Kabo

O coletivo de professores da *Escola-comuna* destacou a economia política e geografia econômica como disciplinas autônomas nos dois grupos mais velhos. O programa de economia compreendia uma descrição sistemática da economia nacional, iniciando pela economia do próprio país que misturava elementos socialistas e capitalistas, prosseguindo o estudo do capitalismo, uma vez que “o futuro da pátria de nossos estudantes encontra-se em tal íntima dependência do mundo restante, no qual predomina o regime capitalista de produção, que é inteiramente natural que sua atenção dirija-se para o capitalismo, que constitui em essência o objeto principal de nosso estudo” (PISTRAK, 2009, p. 426).

A geografia econômica reunia duas séries de fenômenos, “o concreto-descritivo e econômico-geográfico – e, em um processo conjunto, estuda as relações econômicas em seus cortes lógicos e geográficos” (PISTRAK, 2009, p. 427). Além dos conteúdos do programa, temas como desemprego e busca de trabalho foram estudados com o grupo IV de estudantes mais velhos.

Literatura, por O. Leytnekker

O trabalho com literatura compreendia duas atividades básicas além do círculo-literário. Uma atividade na qual, a partir da literatura, desenvolvia-se o estudo de temas como: “Tipos de sociedade russa na literatura na primeira metade do século 19 (‘geração perdida’)”, na qual os liam obras de autores da época, realizavam pesquisas autonomamente e as apresentavam em palestras de 15-20 minutos. Outra

atividade eram as aulas de “criatividade livre”, nas quais as produções se davam em torno de temas escolhidos livremente pelos e posteriormente apresentados em momentos definidos para as apresentações.

Os temas fabris eram desenvolvidos a partir do trabalho na fábrica como um complexo pelas outras disciplinas e estes constituíam-se nos seguintes temas: 1) Cotidiano do trabalhador casado; 2) Cotidiano do trabalhador solteiro; 3) Vida das crianças dos trabalhadores com idade pré-escolar; 4) Creche na Fábrica; 5) Jardim de Infância; 6) Adolescente trabalhador; 7) Escola de Ensino fabril; 8) Leitura dos trabalhadores; 9) Festas e espetáculos na fábrica; 10) Passatempo do trabalhador (teatro, cinematógrafo, festa popular); 11) A questão religiosa; 12) Tipos de Trabalhadores. Os temas fabris abriam para a possibilidade de conhecimento de diversas questões que perpassavam a realidade do trabalhador da fábrica.

Artes Plásticas, por I. A. Bashilov

Criticando a escola pré-revolucionária russa que priorizava as Belas Artes, o desenho, em detrimento de outras formas de expressão, Pistrak (2009, p.459) diz que a “revolução obrigou a mudar esta situação pela raiz, ela exigiu da escola que as ‘artes’ penetrassem toda vida escolar, impregnassem todos os seus poros, dessem toda a forma do conteúdo artístico na escola, e às vezes até fora da escola”. Assim, as artes estavam em todas as atividades da escola.

Para as festas e matinês, para o jornal da escola e para o estudo da fábrica, as artes eram exploradas. Em relação à fábrica, o desenho foi a forma de retratá-la. Os aspectos retratados foram as pessoas, as máquinas, o pátio. Havia uma exposição dos trabalhos no mês de outubro, no círculo de artes. Outra atividade que, a partir das áreas de conhecimento e disciplinas compunha o processo de formação, eram os *Círculos*. Estes *Círculos* tinham como objetivos: 1) reunir livremente as crianças em base aos seus interesses científicos e práticos, em sua maior parte independente do grupo de ensino e da idade; 2) dar plena liberdade para a satisfação imediata dos interesses aparecidos nas crianças; 3) dar às crianças a possibilidade de por si mesmas conduzir e organizar sua tarefa em relação à satisfação das aspirações aparecidas nelas (PISTRAK, 2009, p. 211). Os círculos que funcionaram continuamente foram os de história natural e história social, literatura, matemática e geografia.

O círculo de história natural incluía questões de física, química, técnica, tecnologia, biologia e astronomia e dividia-se de acordo com estas questões. As atividades compreendiam: observações dos astros e fenômenos astronômicos, palestras em variados temas, organização de experimentos e saraus de finais de complexos (festa do mar, do sol) , assim como observações meteorológicas. O círculo de ciências sociais ocupava-se de duas questões, o estudo do marxismo (na história, na economia e filosofia) e questões atuais, como por exemplo a história do partido, da revolução de 1905, o movimento trabalhista, profissional. As atividades compreendiam: conversas, leitura, sumários e às vezes palestras específicas. O círculo de literatura se destinava ao exame das obras de literatura mais modernas e atuais e também de discussões nos vários temas literários. O círculo de arte trabalhava com desenho, desenho natural e

composições e com estudo da história da arte e esclarecimento sumário de várias questões específicas de arte. O círculo de matemática ligava-se mais ao trabalho desenvolvido em classe e os temas apareciam no processo de trabalho em classe. Também o círculo de geografia auxiliava o trabalho de classe. Havia ainda o círculo de educação física (sociedade Formiga), que abarcava cerca da metade de todas as crianças. A matrícula no círculo era livre e limitada a dois círculos ao mesmo tempo. Havia um presidente e secretário para a direção, eleito pelos membros do círculo. A reunião do círculo acontecia de duas a quatro vezes ao mês e era sempre aberta a todos.

As matinês, os feriados e as festas também compreendiam o processo pedagógico da Escola Comuna. As matinês, cuja organização eram de iniciativa das crianças, dividia-se em três tipos: de prestação de contas, complexos e comemorativas. As matinês de prestação de contas, compreendiam atividades com as quais se completa um estudo desenvolvido de algum assunto das aulas; as de tipo complexo, moviam-se em torno de um eixo, algum fenômeno espacial ou sociológico, em torno do qual várias disciplinas trabalhavam e as matinês comemorativas reuniam dias comemorativos de escritores, festas de calendário revolucionárias e, finalmente, matinês ligadas à história da escola.

A festa tradicional era a de Ano Novo que tinha um caráter mais lúdico e livre, uma vez que não se ligava a uma temática de estudo; “é a matinê do humor, das lantejoulas, inteiramente deixado à iniciativa das crianças”(PISTRAK, 2009, p. 326). O Jornal Mural expunha, de forma mais verdadeira e livre, os pensamentos e sentimentos ocultos ou não, dos educadores e dos educandos. Os temas eram variados.

Considerações Finais.

O texto trouxe a experiência pedagógica coordenada por Pistrak no contexto da Revolução Russa de 1917, no que tange à concretização da perspectiva socialista de educação. Ressalta-se nessa experiência, além do trabalho como princípio educativo, as categorias atualidade, autogestão e coletivismo, como significativas para dar concretude à proposta de educação socialista.

A experiência trazida aqui, de forma resumida, mostra que é possível a concretização dessas categorias, tendo em vista construir uma estrutura curricular orientada por um tema da realidade, no caso o trabalho; estabelecer relação com a realidade, contextualizando os conhecimentos, a atualidade e trazer como categorias de suporte, a autogestão e o coletivismo, visando criar um processo formativo que tenha as habilidades de se autogerir e de inserção e relação em um coletivo, também, como objetivos formativos. Além de demonstrar a possibilidade pedagógica da pedagogia socialista a partir de uma experiência que, se não teve continuidade, serve para orientar quem queira ousar em tais práticas.

Referências

FREITAS, Luiz Carlos. A Luta por uma pedagogia do meio: revisitando o conceito. In.: PISTRAK, Moisey M. *A Escola-comuna*. 1 ed. São Paulo: Expressão Popular, 2009.

MAKARENKO, A. Poema Pedagógico. São Paulo: Ed. 34, 2005.

_____. *Problemas da educação escolar*. Moscovo, Edições Progresso, 1986.

MARX, Karl. *O Capital: crítica da economia política*. 19 ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2002. (Livro I, volume 1).

PISTRAK, Moisey M. *Fundamentos da Escola do Trabalho*. São Paulo, Brasiliense, 1981.

_____. *A Escola-comuna*. 1 ed. São Paulo: Expressão Popular, 2009

SOARES, Rosemary Dore. *A concepção Gramsciana do estado e o debate sobre a escola*. Ijuí: Ed. Unijuí, 2000.

Notas:

- ¹ Doutora em Educação (2011), pela Universidade Federal de Minas Gerais - UFMG, Mestre em Tecnologia área de concentração: Educação Tecnológica (2004), pelo Centro Federal de Educação Tecnológica de Minas Gerais CEFET-MG, especialista em Gestão Teórico-Prática (1999), pelo Centro Universitário Newton Paiva e graduada em Pedagogia (1994), pela Universidade Federal de Minas Gerais - UFMG. Atualmente é professora no Mestrado Profissional Interdisciplinar em Gestão Social, Educação e Desenvolvimento Local, no Centro Universitário UNA, no qual orienta pesquisas de caráter interdisciplinar e desenvolve pesquisa sobre os aspectos pedagógicos da formação no mestrado profissional e nos cursos de Pedagogia do Centro Universitário Una e da Faculdade da Cidade de Santa Luzia. Tem experiência como professora e coordenadora pedagógica na Educação Básica em escolas públicas e particulares, destacando-se experiência como coordenadora pedagógica e professora na Educação Infantil, no Ensino Fundamental no Ciclo Inicial de Alfabetização e Letramento, EJA, coordenação de projetos de Educação Ambiental e assessoria de escolas na construção do Projeto Político-Pedagógico. As pesquisas no mestrado e no doutorado, tiveram como temática a relação trabalho-educação em experiências de educação para trabalhadores do campo e da cidade e os artigos em livro, revistas e congressos têm discutido a pedagogia da relação trabalho-educação; Ontologia do Trabalho; Pedagogia do Trabalho; Pedagogia Dialética; Politécnica; Formação Humana Integrada; Educação do/no Campo; Pedagogia no/do MST; Pedagogia da Práxis; Teoria da Complexidade e Pedagogia; Gestão Social, Educação e Desenvolvimento Local; Gestão Escolar; Projeto Político-Pedagógico; Alfabetização e Letramento, Interdisciplinaridade no Ensino Superior e Mestrado Profissional. Email: adilenequaresma@gmail.com
- ² Moisey Mikhailovich Pistrak(1888-1937) foi um dos líderes ativos das duas primeiras décadas de construção da escola soviética e do desenvolvimento da pedagogia marxista. Em 1937 é vítima de calúnia e sofre repressão junto com outros pedagogos. Falece em 1940. Mas segundo Freitas (2009, p. 17), pesquisando em sites russos recentes, informações mais precisas sobre sua morte dizem que ele foi preso em setembro de 1937 e fuzilado em 25 de dezembro deste mesmo ano e não em 1940 como foi divulgado por fontes oficiais.
- ³ Refere-se aqui à obra *A Escola-Comuna* de Moisey M. Pistrak (org.), editada originalmente em 1924, e traduzida por Luiz Carlos de Freitas (2009), na qual Pistrak apresenta o relato do trabalho desenvolvido por uma equipe de educadores na escola-comuna que dirigiu durante o período de 1918 a 1923. Esta Escola-Comuna denominada pelo nome do seu fundador P. N. Lepeshinskiy, mas às vezes chamada de Escola-Comuna do Narkompros (sigla do Comissariado Nacional de Educação), teve como objetivo elaborar a nova pedagogia da escola do trabalho e provocar inovações a serem generalizadas para as escolas regulares. Os programas e métodos formulados nesta escola orientaram a proposta da Comissão Estatal Científica. Nas cem primeiras páginas Luiz Carlos de Freitas apresenta e discute a obra, passando a tradução do texto original que segue com a apresentação do processo pedagógico de construção da Escola-Comuna do Narkompros. Considero a obra de fundamental importância no que se refere aos aspectos pedagógicos da relação trabalho-educação naquilo que foi a experiência socialista.
- ⁴ Os gabinetes ou laboratórios substituíam as salas de aula conforme a conhecemos e eram os seguintes: física, química, matemática, ciências naturais, gabinete de arte, ciências sociais e música-literatura; havia ainda um clube, junto com a biblioteca, para educação física.
- ⁵ Considera-se que estas atividades não sejam apropriadas para os estudantes, mas tendo em vista o contexto da época e a falta de técnicos os estudantes tinham que executá-las. Ressalta-se, também, que as atividades eram distribuídas de acordo com a idade e maturidade dos estudantes.
- ⁶ A fábrica em questão era a antiga fábrica Butikova de tecidos e acabamento Moskvoretskaya, que funcionava perto da escola junto à marginal Prechistenskaya, em Moscou, com 800 trabalhadores.